

SUPLEMENTO
HUMORISTICO DE

O SÉCULO

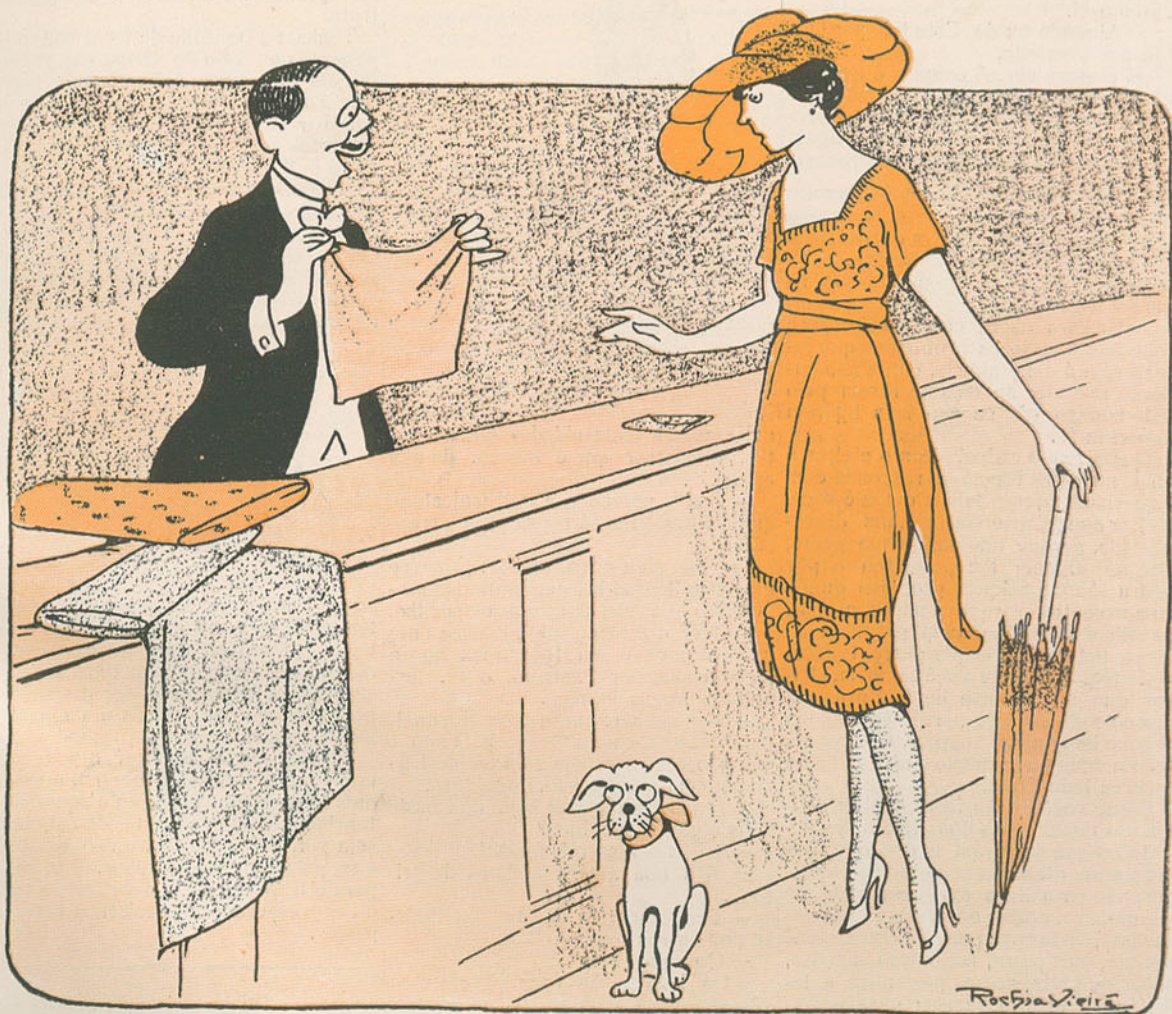
Propriedade de J. DA SILVA GRACA, Lda

Dirêtor: ACACIO DE PAIVA



Redação, Administração e Oficinas—Rua do Século, 45—Lisboa

MODAS



- Tem seda amarela?
—Temos só dois decímetros, minha senhora.
—Chega: é para fazer uma saia...

Rosário Pereira



PALESTRA AMENA

O riso

O que um deputado disse ha dias nas camaras sobre a carestia da vida, suas causas e efeitos, é o que anda na bôca de toda a gente: além das causas gerais, o representante da nação citou os açambarcamentos, a sonegação propositada de generos alimenticios, que vão para o guano em vez de irem para o mercado, a fim de que não embarateçam, etc. Querem os senhores saber qual foi a attitude da camara ao ouvir semelhantes revelações? Riu, chalaceou, disse *pidas*, fez troça.

Transcrevemos:

«O sr. deputado acusou os fiscaes das subsistencias de serem cúmplices d'estes crimes. Recebem dinheiro para os permitirem e com esse dinheiro compram prédios, joias e andam de automovel.

«—Alugado ou do Estado? perguntou um deputado.

«A camara riu. A camara é um modo de dizer; apenas alguns parlamentares, porque a maior parte dos representantes do povo palestra, não ligando atenção ás revelações do orador».

Ficamos scientes. Parte da camara acha muita graça a que o povo seja roubado e escarnecido; a outra parte tanto se lhe dá como se lhe deu. E, no entanto, os que se riram e os que ficaram indiferentes, não estão n'aquelle logar para outra coisa senão para tomarem a serio os problemas que interessam á comunidade, o que não poderão executar se os encarem pelo lado cómico ou se não lhes ligarem importancia.

Quem tem a culpa? Meta o eleitor a mão na consciencia e responda com sinceridade: quem tem a culpa é você, eleitor amigo, que votou n'um desconhecido, porque um amigo lhe pediu, porque alguém lhe prometeu o pôr pedra sôbre qualquer processo que o comprometia, porque aceitou a lista de olhos fechados, com preguiça de riscar um nome e de pôr outro. E quem mais tem a culpa é você também, eleitor que se absteve de ir á urna, ou por comodidade, ou por descrença, ou porque imaginou, tolaemente, que um voto a mais ou a menos não influiria no resultado final.

O que você devia fazer, eleitor amigo, era tomar nota dos nomes dos deputados que se riram e dos que não prestaram atenção ás palavras do orador; não para lhes dar uma sova de marmeleiro, como ocorreria á primeira vista, visto que quem a merece é você mesmo, mas para, em novas eleições, saber que tais nomes pertencem a individuos que não servem para representar o paiz, e que, quando lhe apresentarem lista em que eles figurem, lhe dêem o devido destino, como papel de limpeza e nada mais.

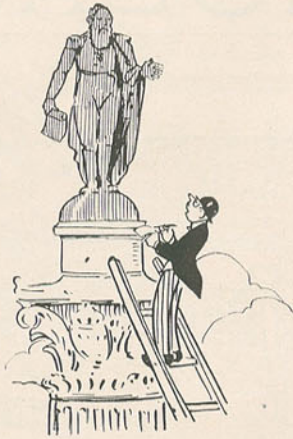
Isto é que se chama falar com cabeça e o mais é historia.—J. Neutral.

A transformação do Rossio

Vai muito acesa a discussão sobre a necessidade de se transformar o Rossio, de modo que dê facil passagem á multidão que ali se aglomera e que bem podia deixar de se aglomerar, se os alfacinhas fossem menos papalvos do que são, isto é, se atravessassem as ruas para irem aos seus trabalhos, em vez de se juntarem nos passeios em pasmaceira, como se estivesse para passar algum cortejo.

Emtim, o nosso dever é consultar os competentes sobre o assunto e n'essa ordem de ideias entrevistámos o sr. D. Pedro IV, a quem, sem a menor duvida, o caso muito interessa.

Sua majestade correspondeu amavelmente ao nosso cumprimento, com-



um «saude e fraternidade» muito cortez, a mostrar que é homem da sua epoca.

— Como parece a vossa majestade que o Rossio ficará capaz para o transito?

— Olhe, meu caro amigo: primeiro que tudo dir-lhe-hei que muito bem reconheço que sou aqui um empecilho.

— Quer dizer que julga conveniente que vá para o seu logar uma figura republicana, por exemplo, o sr. Bernardino Machado, não?

— Não, senhor: quero dizer que qualquer estatua é aqui de mais. Tudo o que não tem utilidade está em desarmonia com o progresso. Logo, fóra.

— E parece-lhe que haja no Rossio mais algum empecilho?

— Acho: o teatro Nacional.

— Mas tem alguns artistas de geito...

— Tem, decerto; podiam distribuir-se por outros teatros.

— Que mais?

— Os bancos. As ruas, praças etc., não são para uma pessoa se sentar. Para que servem os bancos? para assento e cama de quem não tem que fazer.

— E os lagos?

— Podiam também ir para outra parte, ou melhor, ser entulhados, por-

que a agua é precisa para outras coisas.

— E d'esse modo o Rossio ficaria completamente desimpedido?

— Ainda não; o ideal seria demolir também os prédios.

— Todos?!

— Não; deviam ficar dois; o da *Brazileira* e o da *Chave de Ouro*, que são a unica razão de ser do Rossio. E já agora proporia que se lhe mudasse o nome, visto que eu sairia de cá.

— Ficar-se-hia chamando?

— A *Praça das zaragatas*.

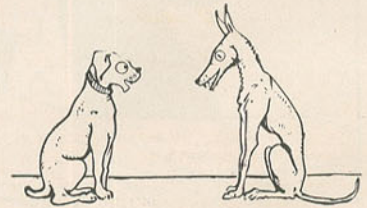
Com o devido respeito, o homensinho pareceu-nos apatetado. Aquilo é de estar ao tempo.

Cruzamento extraordinario

Ainda não estamos em nós da surpresa e o mesmo vae acontecer ao leitor quando lhe dissermos de que se trata.

Tenham a bondade de ler a seguinte noticia, que veio de chapa em varios jornais de segunda-feira ultima: «*Jardim Zoologico*. Este jardim acaba de adquirir dois lobachos interessantes, produtos do cruzamento de lobo e de cão.»

Muitas coisas prodigiosas temos presenciado n'este mundo, mas como esta confessamos que é a primeira vez: em questão de lobachos, por exemplo, já os vimos filhos de lobo e de cadela e filhos de cão e de loba. Agora, filhos de lobo e de cão, afigura-se-nos feno-



meno de tal modo assombroso, que não temos duvida em afirmar que a zoologia vai sofrer uma transformação radical, pois que os principios em que se baseava acabam de ser destruidos pelo facto que os jornais tão singelamente narraram.

D'esta vez é que cai o poder do mundo no Jardim Zoologico e ha de quê. Pena é que a direcção d'aquelle estabelecimento não trate de adquirir, seja por que preço fôr, o cão e o lobo que geraram os lobachos. Era caso para a Europa em peso vir cá de visita, com esperanza de assistir a futuros partos.

Correspondencia

Poetas d'agua doce.— D'uma vez para sempre: quando lhes não publicamos as produções é porque são chôchas. E não nos seringuem.



Rival

Não é novidade para ninguém que somos nós as pessoas mais engraçadas que lidam na imprensa portuguesa, mas também não é segredo que temos um rival muito de temer, o qual é o sr. Brito Camacho. Se não, leiam, o que ele disse ha dias sobre o encerramento do Parlamento:

«A despeito de tudo, ainda temos esperanças de que feche o Parlamento, que mais não seja meia porta, de modo que os legisladores, tendo de entrar de esguelha, evitem ir lá.»

A chalaça está muito bem disfarçada, mas para cá não pega. Aquilo da meia porta foi, evidentemente, para chamar aos deputados um nome que não se pode escrever em letra redonda.

Mau costume

Tem-se notado ultimamente, isto é, tem notado as pessoas de juízo, que nos cartazes anunciando peças de teatro figuram os nomes dos adaptadores e não os dos autores.

Dizem-nos que os ditos adaptadores não tem culpa do facto, mas a verdade é que ele se dá e que as tais pessoas de juízo estranham...

Não nós, que não temos juízo nenhum e que só nos admiramos de que ainda haja alguém de consciencia que confesse que adapta uma peça. Quantos-ha que dão como originais as que são dos outros!

Alimentação sadia

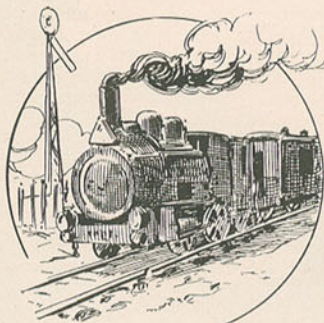
Não ha maneira de contentar o indígena! Por mais que se lhe faça, está sempre pronto a condenar as boas insenções e as boas obras, por aquele conhecido conceito que diz que «comer e dizer mal é manha de Portugal».

Vamos ao caso. Com o apetitoso titulo de *Arroz com bichos* publica um jornal a noticia de que no ministerio



das subsistencias se tem vendido arroz, que, «áparte o bixo e as imundicies, traz, de mistura com teias, as repugnantes larvas de insectos que os produzem».

Aqui ha uma tal ou qual fantasia zoologica como se vê, e ha, peor do que isso, uma grande injustiça. Pois o arroz não alimentará mais com os condimentos que o jornal assinala, do que



se fosse ingerido puro e simples? Já o outro dizia «abobora, que arroz é agua»; ora para não ser só agua é que o ministerio das subsistencias lhe mistura as tais larvas, e concumitantes ingredientes.

— Porcaria! dirão as pessoas susceptíveis.

Ora adeus! Questão de convenção, apenas: no dia em que o homem se deixar de pieguices tolas, ou quando a necessidade o obrigar a isso, agradecerá que lhe vendam arroz com moscas, apanhas, ratos e outros bichos igualmente substanciais.

Calem-se, pois, com o arroz com bichos, quando não o ministerio é capaz de o fazer pagar mais caro do que se os não tivesse.

Os feitos aeronauticos

Subir a grandes alturas em aeroplano era, ainda não ha muito tempo, façanha memoravel; agora, passa a ser façanha exactamente o contrario, isto é, o voar a pequenas alturas.

O homemsinho que passou de avião por baixo do Arco de Triunfo, em Paris, foi considerado heroe; agora, o sr. Bullough foi ovacionadissimo porque em Nova York andou voejando rente dos telhados.

Admira-se, decerto, o leitor, mas a admiração cessará se raciocinar um pouco. Ora vejamos: um camelo é, ou não, em geral mais alto do que um cavallo? E' E qual é mais difficil: viajar em camelo ou em cavallo? Em cavallo, evidentemente.

Estamos a ouvir o argumento do leitor, de que viajar em burro é menos perigoso do que viajar em cavallo, apesar do burro não ser animal para cavalarias tão altas; pois sim, mas compare o burro com animais que lhe sejam inferiores em altura, por exemplo, com o gato, e diga-nos depois se

*Vollaste, emfim, a ser o que eras d'antes,
Comboio português, meu velho amigo,
A andar a chouto, com teu passo antigo,
A chocalhar a tripa aos viajantes!*

*Já posso ir de jornada até Abrantes
Sem o menor precalço nem perigo,
Já não fico na bicha como um figo,
Ou ginja de compota ou semelhantes.*

*E como ao Sá Cardoso é que se deve,
Segundo corre, a solução d'agora,
— Peço desculpa — que o diabo o leve!*

*Como me soube bem esta demora!
Com o pretexto de que havia greve
Não levava a familia para fóra...*

BELMIRO.

Propaganda

Bem sabemos, que não é bonito um filho ir á mão ao pai, a quem deve respeitar; no emtanto, permita-se uma excepção, na melhor das intenções.

O *Seculo*, papá do *Seculo Comico*, publicou ha dias o *fac-simile* d'uma ordem bolchevista, determinando que certo camarada socialisasse um certo numero de raparigas, entre os 18 e os 25 anos.

Estão-se a ver os olhos arregalados dos portugueses, a chispar desejos e inveja. Estamos convencidos de que a publicação de tal documento fez mais adeptos do bolchevismo em Portugal, do que todos os discursos do mestre Augusto da guitarra.

Pum! pum!

Aquele Luiz d'Aquino ou Luiz Galhardo — Floridor e Burromeu, no teatro mente ás musas dada, no exercito braço ás armas feito — é danadissimo para os reclames. Sabendo, como ninguém, qual é a cordia sensível do lisboeta, tratou de levar á scena, n'um dos nossos teatros, uma peça obrigada a canhoneio, de modo que todas as noites se ouvem tiros de canhão para as bandas da Rotundaa e logo toda a gente corre para o local — acontecendo que o local é o dito teatro e, uma vez ali, a multidão compra bilhete e entra, para verificar que não foi lograda.

Ao que dizem já tem em elaboração uma peça com outro chamariz, igualmente infalível: gazees asfixiantes.

Caí lá o poder do mundo!

No campo



O pintor, experimentando o efeito da arte nos espíritos simples.
—Que me diz a esta vaca? Parece-se?
—É tal e qual! Só lhe falta falar!